

Noa Kekuewa Lincoln: resgatando as antigas variedades de cana-de-açúcar havaiana

Noa Kekuewa Lincoln se lembra da primeira vez que encontrou cana-de-açúcar nativa havaiana **jogando bet365** 2004. Os rabos frescos, emplumados de cores, certamente teriam brotado da imaginação de Willy Wonka, não do solo.

Lincoln, um especialista **jogando bet365** sistemas agrícolas indígenas e professor assistente na Universidade do Havaí, disse: "Eu cresci vendo cana-de-açúcar cinza-esverdeada. Mas essas canas são rosa-fluorescente, verde-maçã listrado. Elas pareceram lanças gigantes de caramelo de açúcar. Elas praticamente não parecem reais!"

Nesse momento, trabalhando no Jardim Botânico Etnoambiental Amy BH Greenwell no Big Island do Havaí, ele viu as hastes multicoloridas crescendo, misteriosamente e simplesmente rotuladas "cana-de-açúcar havaiana". Aquele momento o levou a se envolver **jogando bet365** pesquisas sobre variedades de açúcar havaiano herança, negligenciadas após séculos de monocultura de plantações. Lincoln estabeleceu o objetivo de identificá-las e "tratá-las como os indivíduos que são".

Trabalhadores agrícolas **jogando bet365** uma plantação de cana-de-açúcar no Havaí no início do século 20.

Lincoln utilizou fontes como cânticos, histórias, tradições e conhecimentos das idosas havaianas. Ele combinou essas informações com ferramentas modernas como análise de DNA para ver as relações entre as variedades de cana-de-açúcar. "Às vezes, uma única linha de conhecimento não nos ajuda a compreender, mas várias linhas de conhecimento se interceptam", disse Lincoln. Ele desenterrou 25 variedades de cana-de-açúcar havaiana. Halali'i é uma delas. O nome significa "pequena hala", ou pandanus, árvore onipresente nas ilhas. Crescendo **jogando bet365** Ni'ihau, a ilha mais ocidental do Havaí, essa variedade tem um centro preto ou marrom-escuro e folhas listradas de amarelo-dourado brilhante às vezes parecem enterradas na areia, como uma pequena árvore hala.

Ars Poetica de Mary Jean Chan: uma análise da tradição e da inovação

A sequência de 16 poemas que compõe a seção central de Bright Fear, de Mary Jean Chan, é uma Ars Poetica pessoal e envolvente. Os poemas assumem uma variedade de formas e estruturas, mas não há instruções sobre técnicas específicas. Um dos meus favoritos é uma variante do soneto petrarquino. Não apenas por seu tratamento sutil e fresco da forma – a maneira como, por exemplo, seu encadeamento fluido e despojado contrasta com as linhas claramente endereçadas ao final. Mas também porque Mary Jean Chan escreve na luz da experiência vivida, pessoal e poética, e acima de tudo, se dirige ao leitor como um igual.

Uma conversa com o leitor

O Poema XI começa questionando o trope mais familiar do soneto tradicional: o amor pode feri-lo. O "mito" do poder curativo do amor é questionado a partir da perspectiva de uma poética queer. As "trinta anos girando **jogando bet365** torno / do espaço" parecem estar localizados na história familiar de Chan: a resistência e a fuga inicialmente se tornam uma espécie de deserto estelar

"cheio de estrelas carecas de temperos humanos". Mas o frio não é o que parece: "Permanecer lá – é quieto – **jogando bet365** respiração / audível como queimadura estacato **jogando bet365** uma lareira." Essas são linhas maravilhosas, com o seu rimo oblíquo ("respiração"/"lareira") e a transformação original do fogo petrarquino **jogando bet365** queima palpável e audível, "queimadura estacato". É, acredito, o momento **jogando bet365** que a poesia de Chan se redefine como "casa".

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: jogando bet365

Palavras-chave: **jogando bet365 - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-07-31